

O caminho circinal

A princípio, aquilo que se apresenta diante de nossos olhos parece nos falar com uma voz familiar. Contudo, após alguns desenganos, poder-se-ia dizer que mesmo esta voz não é tão familiar assim. Afinal, o que sabemos sobre o que somos? Uma única voz sussurra-nos um segredo possivelmente inalcançável em sua inteireza, e talvez seja esta a informação de que estejamos à procura, mesmo que, inconscientemente, sejamos capazes de intuir que jamais iremos desvendá-la.

É assim que, percorrendo as vias do cotidiano, atravessando os périplos do relógio, destacando e descartando as folhas do calendário, nós nos aproximamos da síntese de algum desenvolvimento abstruso, ou do centro de onde essa voz nos fala. Mesmo que não saibamos – e é muito provável que este seja o caso. Ouvimo-la chamando de uma distância imprecisa, a princípio de forma oscilante, mas sempre elusiva; caminhamos em sua direção, desviamos do percurso, adentramos labirintos. Jorge Luis Borges asseguraria que todo o trajeto é um labirinto, ao que eu responderia que não posso discordar.

Pois bem, o labirinto, a voz – o fio de Ariadne? É possível inferir, portanto, a existência de um Minotauro, de uma criatura de pura e indomável inevitabilidade. E é esta inevitabilidade que exerce o magnetismo de que somos reféns enquanto velejadores deste mar aparentemente caótico e despropositado. Alguns chamariam isso de destino. Prefiro não conjecturar, já que dar nome a este segredo, a essa informação secreta que o vento nos confia em fragmentos seria devassá-la de sua beleza primordial, que talvez não difira de algum evento cósmico em curso. As estrelas cintilam com a graça deste mistério.

Do que se depreende que o mundo é sempre muito mais do que aparenta. Veja: a voz pretensamente familiar a que eu me referi, e que invariavelmente descobrimos não ser tão familiar quanto acreditávamos que fosse, expressa-se numa gama de tons e variações que apontam para uma pluralidade, mas uma pluralidade paradoxalmente unívoca; o argumento do labirinto ganha corpo ao constatarmos que todas as variações parecem enunciar as mesmas palavras indecifráveis. O labirinto é um só, a despeito de sua multiplicidade de corredores.

Ao longo da perscrutação que fazemos, isto é, se realmente sondarmos as paredes do labirinto que desbravamos, notaremos que alguns símbolos inscritos sobre as pedras se repetem, quase como se estivessem tentando se comunicar conosco por meio da reiteração. Eles nos

dizem: seus olhos agora estão mais maduros, talvez você nos compreenda. É preciso que haja uma atenção constante, tanto em relação ao que se nos apresenta quanto em relação à nossa resposta a estas inquirições levantadas pelos objetos circundantes. A experiência é um atalho para a supracitada síntese: é este o processo alquímico que poderá, se tivermos sorte, nos aproximar do centro do labirinto. Deve-se jogar com as peças colocadas sobre o tabuleiro.

No entanto, o paradoxo também é uma constante, o que significa que até esse conjunto de símbolos pode assumir variações, apesar da familiaridade associada a seu retorno. O jogo labiríntico é uma brincadeira dinâmica, em que absolutamente nada mantém-se estático, e as regras são ditadas por aquela voz a um só tempo familiar e estranha que nos seduz de algum recôndito enevoadado. Cada curva desmascara uma certeza, cada arcada transposta despe-nos de alguma palavra sobressalente. O silêncio torna-se terreno fértil para que a voz se assente, ainda que em sua cadência irregular, em sua sutil manifestação, e indique-nos o norte com maior precisão.

Apesar de tudo, essa exploração dificilmente se concretiza sem interrupções. O caminho é naturalmente vago e acidentado, e por vezes se extingue completamente. Todas as sensações, intuições e concatenações estreitamente ligadas à perseguição obscura que empreendemos ao darmos ouvidos para aquela voz de sonho ocasionalmente desaparecem, perdendo-se nos abismos vertiginosos do esquecimento. O mistério a que inicialmente nos submetemos evapora sem que percebamos, e logo estamos mais uma vez enredados exclusivamente nas premências do momento. O cotidiano segue sua rotina, e os afazeres mundanos exigem nossa presença; a voz emudece, os símbolos esmaecem e o labirinto desmorona feito um cenário de papelão ao sabor de um vendaval. E, ainda assim, em algum lugar nas profundezas de nossa mente, uma parte de nós – inacessível pela intenção – se ocupa de preservar e proteger a pequena chama remanescente.

A voz, o mistério e o labirinto eventualmente reemergem, integral ou parcialmente, e renovam nossa percepção acerca do mundo, dessa entidade que não se deixa fixar por fórmulas ou máximas eternas. Novamente nossos olhos são tomados em dança, e uma vez mais a familiaridade deixa de ser um conceito confiável. Ao nos olharmos no espelho, veremos alguém ligeiramente diferente, uma pessoa que até então não conhecíamos, ou que apenas vislumbráramos, de soslaio, numa superfície reflexiva qualquer. Este alguém é a corporificação do paradoxo, da pergunta que encerra uma resposta interrogativa e jamais esclarecedora. No

brilho de seu olhar verificamos aquele lume que, durante o esquecimento, manteve-se aceso numa desolada ravina de nossa interioridade.

Eis que então tudo o que nos cerca volta a falar, e aquela enigmática voz recomeça a entoar a sua doce melodia intermitente. Sabemos agora que nosso horizonte é uma Fata Morgana, mesmo embora, de modo críptico, ela concentre em suas formas algum dado essencial. A trama do famigerado labirinto nunca deixou de nos envolver; nós é que nos esquecemos de suas imposições e, no processo, descobrimos – ou criamos – um novo aspecto de nosso rosto, de nossa história. Talvez aquela voz – em suas veredas, obliquidades e aparente desalinho – expresse uma ordem mais profunda, algo como uma arquitetura fulcral. Talvez ela seja, no fim das contas, a nossa verdadeira voz.